

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

ARIELE MICHELLE MEDEIROS DE SOUZA  
JARDANE PAULINO OLIVEIRA

VIDA DO CODA: NASCER NO SILÊNCIO, CRESCER BILÍNGUE E VIVER COMO  
INTÉRPRETE?

RIO BRANCO  
2024

ARIELE MICHELLE MEDEIROS DE SOUZA  
JARDANE PAULINO OLIVEIRA

VIDA DO CODA: NASCER NO SILÊNCIO, CRESCER BILÍNGUE E VIVER COMO  
INTÉRPRETE?

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Libras.

Orientadora: Profa. Dra. Ivanete de Freitas Cerqueira

RIO BRANCO  
2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

S729v Souza, Ariele Michelle Medeiros de, 2000 -  
Vida do Coda: nascer no silêncio, crescer bilíngue e viver como intérprete? / Ariele Michelle Medeiros de Souza, Jardane Paulino Oliveira; orientadora: Profa. Dra. Ivanete de Freitas Cerqueira. – 2024.  
45 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação Letras e Artes (CELA), Curso de Licenciatura em Letras Libras. Rio Branco, 2024.

Inclui referências bibliográficas e apêndice.

1. Intérprete. 2. Libras. 3. Codas. I. Oliveira, Jardane Paulino, 2001 - II. Cerqueira, Ivanete de Freitas (orientadora). III. Título.

CDD: 419

## **AGRADECIMENTOS**

Eu, Ariele, neste momento tão significativo, quero expressar gratidão a todas as pessoas que tornaram possível a finalização deste trabalho de conclusão de curso.

Primeiramente agradeço a Deus pelos anos de graduação que ele me permitiu viver e concluir o TCC, sempre com sua proteção e benção.

A minha parceira de TCC, Jardane Paulino. Um ser humano forte, decidida e esforçada, fez com que o trabalho estivesse sempre sustentado. Agradeço pela tua dedicação incansável, pela paciência nos momentos desafiadores e pelo comprometimento que demonstraste desde o início até este momento de conclusão.

Agradeço também à minha família pelo apoio constante, incentivo para não desistir ao longo dessa jornada e incentivo financeiro. Suas palavras de encorajamento foram essenciais em momentos de dificuldades. Como parte também da minha família, agradeço ao meu companheiro Neto Fernandes pelo seu abraço confortante em todos os momentos de riso e choro.

Expresso gratidão a minha professora Ivanete Cerqueira que nos orientou e compartilhou seus conhecimentos, agradeço a paciência, orientação e valiosas contribuições que enriqueceram este trabalho.

Minha gratidão também aos meus queridos coleguinhas, Nágila, Alessandra, Tiago, Dani, Vitória e também Jardane que fizeram parte desses anos de graduação. Obrigada pelos risos, apoio nas atividades, não deixando, assim, nenhum desistir. Superamos vários obstáculos, aprendemos uns com os outros e construímos experiências valiosas que levaremos para toda a vida.

Agradeço por fazerem parte desta jornada importante em minha vida.

Eu, Jardane, quero expressar minha gratidão em primeiro lugar a Deus por me permitir ingressar em uma universidade federal, realizando assim meu sonho de possuir nível superior, aprendi muitas coisas ao longo desses cinco anos de estudos com os professores e colegas de turma.

Agradeço aos meus pais Severino Oliveira e Maria Antônia Paulino por não me deixarem desistir na reta final desta graduação, podendo realizar o sonho deles de ver um dos seus cinco filhos de concluir um curso superior.

Quero agradecer também a minha amiga Dhenniky Emanuely que conheço desde o ensino fundamental, ela que me inscreveu neste curso de Letras Libras, acompanhou o andamento do processo e soube primeiro do que eu, que havia sido

chamada para este curso, sem ela eu não estaria aqui. Me senti orgulhosa por vê-la ingressar também neste curso um ano depois de mim e assim continuarmos próximas.

Agradeço a professora e orientadora Ivanete Cerqueira por todo ensinamento, apoio e paciência e por não nos deixar desistir mais uma vez desse trabalho de conclusão de curso.

Meus agradecimentos a todos os participantes da minha jornada acadêmica, professores, coordenadores, intérpretes, comunidade surda, colegas de turma e familiares.

Por fim, agradeço ao meu grupo de coleguinhas Ariele Michelle, Jerliane Martins, Maria Alessandra, Maria Daniele, Nágila Crispim, Tiago Domingos e Vitória Vidal por todos os momentos de alegria, frustração, medo, apoio e todas as nossas comemorações de aniversários e encontros para diversão. Eles quem tornaram esse período de graduação mais leve e divertido.

“Lutar por inclusão é querer equidade, representatividade, acessibilidade e se permitir entender que está tudo bem ser diferente.”

(Deives Picáz)

## RESUMO

Os codas, filhos ouvintes de pais surdos, experimentam uma situação única, em que a convivência com duas línguas e culturas diferentes ocorre ao mesmo tempo, o que chamamos de bilinguismo. Esse cruzamento entre línguas e culturas cria um ambiente adequado para explorar as diferentes construções de identidades. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é verificar, a partir de relatos, se existem fatores que contribuem para que codas adultos brasileiros com ou em formação de nível superior, se tornem intérpretes. Esta pesquisa baseia-se nos estudos de Quadros (2004, 2017), Pereira (2013), Streiechen; Cruz e Krause-Lemke (2019), Silva (2019), Santos Filho (2020), Monteiro (2020) e Sander (2020). A metodologia se deu a partir da seleção de documentos escritos e um vídeo do YouTube que tratam de relatos de codas, contando sua história e experiência em ser intérprete dos pais surdos, na fase da infância e adolescência, fizemos a leitura e análise dos dados, buscando caracterizar esse sujeito segundo a literatura da área, além de investigar os desafios de comunicação que eles enfrentam em suas famílias e verificar se o fato de ser coda implica tornarem-se intérpretes. Os resultados apontam que não se pode dizer que ser coda nem sempre implica tornar-se intérprete, mas certamente a experiência visual-espacial vivida e aprendida com os pais, contribui de forma significativa para essa escolha.

Palavras-chave: Codas. Intérprete. Libras. Relatos

## **ABSTRACT**

The codas, hearing children of deaf parentes, experience a unique situation, in which coexistence with two diferente languages and cultures occurs at the same time, what do we call bilingualism. This crossing between languages and cultures creates a suitable environment to explore diferente constructions of identities. In this sense, the objective of this work is to verify, based on reports, whether there are factors that contribute to Brazilian adults with or undergoing higher education becoming interpreters. This research is based on studies of Quadros (2004 e 2017), Pereira (2013), Streiechen; Cruz e Krause-Lemke (2019), Silva (2019), Santos Filho (2020), Monteiro (2020) e Sander (2020). The methodology was based on the selection of written documents and a YouTube vídeo that deal with reports of codas, telling your story and experience in being na interpreter for deaf parentes, during childhood and adolescence, we read and analyzed the data, seeking to characterize this subject according to the literature in the área, in addition to investigating the communication challenges they face in their families and check whether being a coda implies becoming na interpreter. The results indicate that it cannot be said that being a coda does not always imply becoming an interpreter, but certainly the visual-spatial experience lived and learned from the parents contributes significantly to this choice.

Key words: Codas. Interpreters. Libras. Stories

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Edições do Encontro Nacional de Cotas.....	14
Quadro 2	Pesquisas selecionadas.....	29
Quadro 3	Relatos por autores.....	30
Quadro 4	Descrição dos participantes.....	33

## LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CODA	Children of Deaf Adults
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
HCDP	Hearing Children With Deaf Parents
ILS	Intérpretes de Língua de Sinais
KODA	Kids of Deaf Adults
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua Portuguesa
LS	Língua de Sinais
NAI	Núcleo de Acessibilidade e Inclusão
TILS	Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>12</b>
2.1	OS CODAS.....	12
<b>2.1.1</b>	<b>Os codas no Brasil.....</b>	<b>13</b>
2.2	LÍNGUA DE HERANÇA.....	17
2.3	BREVE HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO.....	20
<b>2.3.1</b>	<b>O papel do intérprete.....</b>	<b>22</b>
2.4	CODAS INTÉRPRETES NO BRASIL.....	24
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
3.1	CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA.....	27
3.2	CONTEXTO DA PESQUISA.....	28
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS....</b>	<b>31</b>
4.1	DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS UTILIZADOS NA PESQUISA	31
<b>4.1.1</b>	<b>Experiência dos irmãos codas.....</b>	<b>32</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Experiência familiar surda/ouvinte.....</b>	<b>35</b>
<b>4.1.3</b>	<b>Experiência de ser criança intérprete.....</b>	<b>38</b>
<b>4.1.4</b>	<b>Dificuldade com a língua portuguesa.....</b>	<b>39</b>
<b>4.1.5</b>	<b>Profissão dos pesquisados.....</b>	<b>39</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

A comunicação é um pilar fundamental para a interação humana, pois estabelece conexões significativas entre indivíduos e sociedades. Para alguns codas adultos brasileiros, a comunicação adquire um caráter singular e enriquecido desde a infância, uma vez que crescem imersos em um ambiente bilíngue, fluente tanto na língua de sinais quanto no idioma majoritário de seu país. Esses sujeitos têm sido fundamentais na construção de pontes entre os mundos surdo e ouvinte.

Os codas são considerados biculturais por estarem inseridos na cultura surda e ouvinte, bimodais por dominarem a Língua Brasileira de Sinais (Libras), língua de modalidade visual-espacial e o português, de modalidade oral-auditiva, além de bilíngues, pois por estarem cotidianamente em contato com pais/familiares surdos sinalizantes e, ao mesmo tempo, com parentes ouvintes, fazendo uso da Libras e do português, conforme a situação.

Diante disso, a pesquisa é justificada pela necessidade de compreender as implicações que a criação por pais surdos tem na vida dos codas do Brasil. Desse modo, buscamos caracterizar o sujeito coda segundo a literatura da área, investigar os desafios de comunicação enfrentados pelos filhos ouvintes em famílias com pais surdos e verificar se o fato de ser coda implica tornarem-se intérpretes.

Dessa forma, nosso objetivo é verificar se existem fatores que contribuem para que alguns desses sujeitos tornem-se intérpretes da Libras, de modo que, ao verificarmos a existência, possamos exibir esses fatores. Diante disso, foram analisados 25 relatos de codas adultos brasileiros com ou em formação de nível superior, de idades entre 21 e 66 anos. Esses relatos foram retirados das pesquisas de Monteiro (2020), Pereira (2013), Quadros (2017), Sander (2020), Santos Filho (2020) e um vídeo do YouTube.

Este trabalho de conclusão de curso está dividido da seguinte maneira: Introdução, depois segue para o Referencial Teórico, logo após, temos a Metodologia, em seguida a Análise de Dados, Discussão dos Resultados, além das Considerações Finais. Após esta breve Introdução, nosso referencial teórico está organizado em seis subtítulos, a saber: Os codas, subtítulo em que explicamos o surgimento da nomenclatura e os sujeitos que se reconhecem como tal; Os codas no Brasil, momento que trazemos o início dos encontros de codas no Brasil e o que eles esperam disso; Língua de herança, conceituamos e discutimos o uso dela pelos filhos ouvintes de

surdos; Uma breve história da interpretação, ocasião em que discorreremos sobre o surgimento da interpretação; O papel do intérprete, oportunidade que relatamos quais são os requisitos e lugares que o intérprete atua e por último, codas intérpretes no Brasil, ensejo que discutimos a Lei e o Decreto que legitimaram esta profissão aqui no Brasil e um pouco da fala de codas brasileiros que seguiram a profissão. Utilizamos os autores: Quadros (2004, 2007 e 2017), Hall (2006), Andrade (2011), Pereira (2013), Rodrigues (2013), Oliveira (2014), Souza (2014), Silva (2019), Streiechen; Cruz e Krause-Lemke (2019), Santos Filho (2020), Sander (2020) e Monteiro (2020), para embasamento do nosso referencial teórico.

No que se refere à metodologia, apresentamos a sua caracterização através da finalidade aplicada, segundo Silveira e Córdova (2009), objetivo descritivo conforme Prodanov e Freitas (2013), abordagem qualitativa de acordo com Gerhardt e Souza (2009) e procedimentos de análise documental em concordância com Gil (2002). Em suma, o desenvolvimento da pesquisa se deu a partir da análise desses relatos dos quais elaboramos algumas questões sobre assuntos em comum de cada participante e construímos um quadro que continha essas respostas de forma simplificada, a fim de verificar se existem fatores que contribuem para que os codas se tornem intérpretes.

Na análise e discussão dos resultados, vimos que mesmo uma profissão fora da área de libras pode ter sido determinada diretamente pelo fato de os pais serem surdos. Mas não se pode dizer que ser coda nem sempre implica tornar-se intérprete, mas certamente a experiência visual-espacial vivida e aprendida com os pais, contribui de forma significativa para essa escolha.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

No presente capítulo trataremos dos pressupostos teóricos que utilizamos para a construção da análise de pesquisa que foi desenvolvida com base nos autores que discursam referente à área de Libras. Discorreremos sobre os codas no Brasil, língua de herança, história e papel do intérprete e por fim os codas intérpretes no Brasil.

### 2.1 OS CODAS

Os filhos ouvintes de pais surdos passaram a ser reconhecidos por codas pela criação da organização internacional CODA (*Children of Deaf Adults*). Após o entendimento sobre o que são os codas, é necessário compreendermos a diferença entre coda e CODA, o primeiro se refere ao sujeito filho dos pais surdos e o segundo remete à associação e organização dos codas. Conforme Santos Filho (2020),

O termo CODA significando *Children of Deaf Adults* (Filhos de Adultos Surdos), foi criado, em 1983 nos Estados Unidos, a partir da pesquisa realizada por Millie Brother, acerca de filhos nascidos de pais surdos. O resultado mostrou que 90% desses filhos são ouvintes. Em seguida, ela mesma cria uma pequena organização e, tempos depois, uma entidade de visibilidade mundial (Santos Filho, 2020, p. 61).

A criação da instituição por essa estadunidense cresceu de tal forma que outros países também adotaram esse termo. No entanto, essa nomeação não era restrita somente aos filhos ouvintes de pais surdos, os surdos filhos de surdos também passaram a se denominar codas. A esse respeito, trazemos também a fala de Andrade (2011), que nos mostra que houve uma outra designação para esses filhos de surdos,

Antes de 1983, os ouvintes filhos de surdos eram nomeados pela sigla HCDP (em inglês, *Hearing Children with Deaf Parents – Crianças Ouvintes com Pais Surdos*). Porém, neste ano, com o surgimento de uma organização que atendia às necessidades de crianças cujos pais eram surdos, muitos destes filhos passaram a se identificar pelo nome da instituição. [...]. Vale ressaltar que o termo adotado por muitos ouvintes filhos de surdos também era adotado por surdos filhos de surdos, pois, a referência era a filiação (Andrade, 2011, p. 40-41).

Dessa forma, o termo foi se espalhando por vários lugares e os ouvintes filhos de surdos passaram a ter uma denominação específica que adotaram para si, pois a

organização focava somente neles. No entanto, ainda há outra variação desse termo como Andrade (2011) nos mostra:

No final do século XX, outro grupo de surdos, também nos Estados Unidos, se organizou em função de apoiar-se mutuamente e promover atividades coletivas para seus filhos. O critério de participação era mais específico que a instituição CODA. Neste caso, tratava-se de pais surdos com crianças ouvintes. Assim, por se perceberem diferentes de outras famílias de pais e mães surdos, passaram a utilizar a expressão KODA (*Kids of Deaf Adults-Crianças de Surdos*) (Andrade, 2011, p. 41).

Nesse sentido, entendemos que as várias nomenclaturas e instituições existentes têm critérios específicos para participação. Podemos ver que, mesmo possuindo diferença quanto à forma de escrita, seu objetivo é similar quanto ao apoio a esses sujeitos participantes e também à luta dos pais surdos por seus direitos e os de seus filhos, no tocante a sua inclusão na sociedade. Ressaltamos que nem todos os filhos ouvintes de pais surdos se reconhecem como codas, alguns podem nem saber da existência dessa nomenclatura nem de seu significado, pois se trata de uma questão que remete a identidade de cada um.

Neste trabalho, sempre que utilizamos o termo “coda”, estaremos nos referindo aos filhos ouvintes de pais surdos, pois esse é o significado corrente no Brasil e, mais especificamente, na comunidade surda. Portanto, toda a discussão acima é apenas uma explicação sobre a história e acepções que a palavra em tela assume.

### **2.1.1 Os codas no Brasil**

No Brasil, os filhos ouvintes de pais surdos também são nomeados codas e, desde 2013, quando ocorreu o primeiro encontro no Rio de Janeiro, até o presente momento, há todos os anos o Encontro Nacional de Codas que visa reunir os filhos ouvintes de pais surdos de todos os estados do Brasil. Segundo Sander (2020),

No ano de 2013, na cidade do Rio de Janeiro, aconteceu o I encontro Nacional de Codas, formalizando, assim, o grupo de Codas brasileiro. No ano de 2014, o encontro foi na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Em 2015 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em 2016, novamente aconteceu no Rio de Janeiro, com as atividades organizadas pelo estado de São Paulo. Em 2017, o V Encontro dos Codas aconteceu novamente, na cidade do Rio de Janeiro, com a organização dos Codas do estado de Goiás. No ano de 2018, o VI Encontro Nacional foi na cidade do Rio de Janeiro com o tema

“Imaginarío Coda: Nós e o país das maravilhas”, nos dias de 24 a 26 de agosto daquele ano. Em 2019, os Cotas se reuniram em Florianópolis, no estado de Santa Catarina (Sander, 2020, p. 20-21).

Podemos perceber que todos os encontros possuem um tema diferente, foco de discussão do Encontro daquele ano. Além disso, cada edição do evento é realizada em uma cidade diferente, mas podendo ocorrer na mesma cidade por algumas vezes. Como foi o caso do Rio de Janeiro, estado que já contemplou, pelo menos três vezes a convenção. Convém salientar, ainda, que desde 2019 não tem havido novas edições, haja vista o momento de pandemia COVID-19 por que passou o país – de janeiro de 2020 a maio de 2023.

Quadro 1 Edições do Encontro Nacional de Cotas



Fonte: @codabrasil

Esses encontros, de modo geral, buscam reunir esses sujeitos codas para partilharem suas experiências pessoais e profissionais. Sobre isso, Quadros (2017, p. 65-66) afirma o seguinte: “Esse momento é esperado por cada um dos Cotas, pois, é a oportunidade de voltarem para o ninho e contarem com pessoas que compartilham a língua e a cultura dos surdos brasileiros e, em especial, compartilham a experiência de ser Coda”. Souza (2014) reforça essa concepção ao declarar que,

a intenção é consolidar um evento anual para que então possa ocorrer não só o encontro com adultos, mas também com crianças Cotas e concomitantemente com seus pais para oportunizar um espaço de trocas de experiências e orientações de especialistas, assim como ocorre no cenário norte-americano, onde acontecem acampamentos para Kodas. (Souza, 2014, p. 38-39).

Desse modo, percebemos que a visão de cada coda a respeito desses encontros é semelhante quanto ao que eles esperam que aconteça. Afinal, encontrar-se com pessoas que partilham a mesma língua e também a mesma cultura, é uma forma de se fortalecer.

Os codas estão em contato com duas línguas desde o nascimento, pois têm pais surdos que utilizam a Libras, e familiares ouvintes - bem como outras pessoas do ciclo familiar - que falam português, o que faz desses sujeitos bilíngues, bimodais e biculturais, já que estão inseridos em ambas as culturas.

Souza (2012, p. 411, *apud* Streiechen; Cruz; Krause-Lemke, 2019, p. 267), ao se debruçar sobre questões de bilinguismo e biculturalismo de filhos ouvintes de pais surdos, chega à conclusão de que esses “detém duas línguas maternas – uma majoritária e a outra minoritária, uma oral e a outra gestual, uma pertencente a indivíduos que a sociedade rotula como ‘normais’ e a outra cujo rótulo é ‘deficientes’”. Com isso, percebemos que os codas também são vistos com preconceito pela sociedade, igual aos seus pais por serem surdos, os quais estão em meio a um grupo maior de ouvintes.

Nesse sentido, Silva (2019) traz à tona resultados da pesquisa de Pereira que nos faz considerar o quanto a sociedade está envolvida pelo olhar que julga incapaz aqueles considerados “não normais”. Além disso, chama a nossa atenção para o fato de esse preconceito interferir na vida social e pessoal dos sujeitos surdos, uma vez que essa atitude de exclusão, como demonstra o estudo, impediu ou tentou impedir que muitas famílias de surdos pudessem criar seus próprios filhos. No imaginário ouvinte, pode-se dizer, há o receio de que os codas sejam prejudicados por não acessarem a língua portuguesa. Assim, como lembra Streiechen e colaboradores (2019):

O maior desafio dos surdos, e também de seus filhos ouvintes, é que essa perspectiva não é somente das pessoas distantes, daquelas com quem eles não têm contato, mas concentra-se, principalmente, dentro de suas próprias famílias que, ao acreditarem na sua incapacidade, tentam impedi-los de educarem e conviverem com seus filhos no dia a dia (Streiechen; Cruz; Krause-Lemke, 2019, p. 262).

Essa é uma preocupação que precisa ser levada em conta, pois, de certa forma, Streiechen e colegas (2019) afirmam que há, sim, prejuízo quanto à fala e à

escrita dos filhos ouvintes de pais surdos, quando existe certo isolamento da comunidade ouvinte. São casos em que a criança não frequenta a escola nem tem próximo a si colegas ou vizinhos não surdos.

Dessa forma, os codas tendem a aprender o português mais tardiamente na escola, quando estão em contato constante com outras crianças ouvintes e ao serem solicitados a escrever. Conforme Souza (2014, p. 104, *apud* Streichen *et al.*, 2019, p. 267), esses indivíduos “encontraram muito mais dificuldades para aprender a LP, em sua modalidade oral e escrita, do que a LS, demonstrando, inclusive, frustração em se comunicar por meio da LP falada e escrita em diversas situações de sala de aula, em ambiente de trabalho ou com amigos”.

Outro ponto em relação à vivência dos codas é que desde pequenos, ao aprenderem a libras são “instruídos” a interpretar para seus pais, com intuito de ajudar na comunicação destes com familiares, amigos e até na escola, onde muitas vezes não há ninguém com conhecimento da Libras. Desse modo, o esforço das crianças para aprender e utilizar uma língua é totalmente concentrado na Libras, sendo que o Português, em alguns casos, é deixado de lado.

É, pois, conveniente reproduzirmos o argumento de Tse (1996, *apud* Monteiro, p. 81), o qual “explica que os codas realizam o fenômeno *language brokering*, termo utilizado para definir a tradução realizada em situações cotidianas por bilíngues que não possuem formação profissional específica”.

Assim, os codas mesmo sem formação, quando crianças, ainda assumem o papel de intérpretes dos pais para que estes tenham acessibilidade e consigam se comunicar com pessoas que não têm conhecimento em língua de sinais. Essas crianças são capazes de interpretar uma gama variada de assuntos, até aqueles que não convém a menores. Conforme Pereira (2013) afirma,

Isso mostra que os filhos de pais surdos, ao se depararem com um mundo não acessível para a pessoa surda, acabam tendo que acompanhar os pais em locais em que uma criança não teria a necessidade de ir, além de ter acesso a informações que não lhes seriam “convenientes”, caso os pais fossem ouvintes (Pereira, 2013, p. 61).

Portanto, percebemos que os codas assumem um papel que não deveria ser deles quando criança. Eles interpretam para os pais, não para comunicação familiar, na verdade, eles servem de “ponte” entre seus pais surdos e o resto do mundo ouvinte, o que realmente traz benefícios à fluência e vivência em outra língua. Mas também

malefícios, pois tendem a perder parte da infância para acompanhar os pais e fazer interpretações concomitantemente. Sobre essa questão, Sander (2020) sustenta que,

[...] são recorrentes os efeitos restritivos da trajetória de filhos ouvintes de pais surdos. Dentre esses efeitos destacam-se o amadurecimento precoce, a infância roubada em função de terem que interpretar constantemente para seus pais, desde a tenra idade assuntos situados além do seu entendimento (Sander, 2020, p. 24).

Fica evidente que esses filhos ouvintes de pais surdos, agora adultos, percebem as consequências de serem intérpretes dos pais quando eram crianças.

Ainda é preciso mencionar, conforme a pesquisa de Andrade (2011), a identidade dos codas é formada a partir das experiências de seus pais e como eles lidam com a surdez, como assinalam Streiechen, Cruz e Krause-Lemke (2019):

[...] podemos considerar que viver na zona fronteira, entre o mundo surdo e o mundo ouvinte, pode influenciar no processo de formação da (s) identidade (s) e subjetividade das crianças que têm pais surdos e, conseqüentemente, em seu desenvolvimento escolar (Streiechen; Cruz; Krause-Lemke, 2019, p. 268).

Essas afirmações deixam claro como os pais surdos têm um papel fundamental na formação da identidade de seus filhos ouvintes, pois as experiências dos pais com a língua de sinais, a aceitação de ser surdo e o convívio familiar são aspectos que influenciarão na visão que o coda terá no que tange ao ser surdo e ao ouvinte. Nessa perspectiva, podemos retomar aqui a posição de Quadros e Masutti (2007):

A experiência de nascer, viver e crescer em meio a uma família de pais surdos faz com que a percepção das representações culturais, sociais, políticas e linguísticas sejam atravessadas por substratos filosóficos, éticos e estéticos marcados por tensões em zonas fronteiriças de contato. O universo surdo e ouvinte marcam as fronteiras dos CODAs (Quadros; Masutti, 2007, p. 246).

Ou seja, esses sujeitos recebem muita influência da convivência nas duas culturas distintas, de duas línguas de modalidades divergentes. Também são influenciados pelo modo como seus pais se identificam com a surdez, o que contribui de diferentes formas na formação da sua identidade.

## 2.2 LÍNGUA DE HERANÇA

Os codas nascem em famílias em que os pais são surdos, eles herdam de sua família diversos aspectos presentes no sujeito surdo e um deles é a língua de herança. Quadros e Lillo-Martin (2021) trazem o conceito:

Língua de herança é aquela que herdamos de nossos pais ou de nossa comunidade em contextos de práticas linguísticas em que há outra língua usada e estabelecida nos diferentes espaços sociais e culturais nos quais transitamos. No caso específico dos surdos brasileiros, a Libras é uma língua herdada pelos pais ou pelas comunidades surdas em um país em que a Língua Portuguesa é usada em muitos espaços, tais como escolas, nas mídias e nos demais espaços públicos e privados (Quadros; Lillo-Martin, 2021, p. 214).

Conforme Quadros e Lillo-Martin (2021), a língua de herança dos codas refere-se à língua de sinais que é transmitida de pais surdos para seus filhos ouvintes. Esses indivíduos crescem em um ambiente de duas línguas em que a língua de sinais é a língua natural dos pais surdos e a modalidade falada ou escrita da língua falada, que é majoritária na sociedade em que estão inseridos, no caso do Brasil, estamos falando da Libras como idioma institucional dos surdos deste país, e o português, a língua oral dominante e oficial.

Esses sujeitos têm a oportunidade única de vivenciar e aprender tanto a língua de sinais quanto a língua falada desde a tenra idade. A língua de sinais é uma forma de comunicação visual-espacial usada pela comunidade surda para se expressar e se comunicar. Sendo assim, Quadros (2017) evidencia que,

Muitas vezes, a língua de herança passa a ser uma língua secundária, mesmo sendo a primeira língua (L1) de seus falantes, diante da língua massivamente usada na comunidade em geral, a língua primária, que pode ser até uma segunda língua (L2). Língua primária é entendida aqui como a língua mais usada no dia a dia, enquanto a língua secundária é empregada apenas em contexto muito restrito. Nesses contextos, muitas vezes, portanto, a L1, primeira língua, a língua de herança, pode ser a língua secundária, e a L2, a segunda língua, a língua usada na comunidade mais abrangente, pode passar a ocupar o estatuto de língua primária (Quadros, 2017, p. 7-8).

Por meio dessa língua, os filhos ouvintes de surdos têm acesso direto à cultura surda, aos valores, às experiências e aos conhecimentos compartilhados pelos seus pais e pela comunidade surda.

A língua de herança dos codas desempenha um papel importante na construção de sua identidade, ela os conecta a sua família e à comunidade surda,

permitindo-lhes participar plenamente da cultura e da história surda. Além disso, a língua de herança também pode ser um meio de comunicação eficaz entre os codas e seus pais surdos, proporcionando um canal de comunicação autêntico e natural. Devido a essas possibilidades os codas possuem alguns benefícios, Quadros (2017) reforça essa concepção ao declarar que:

Dispomos também de dados de adultos codas, filhos de pais surdos, que apresentam diferentes níveis de proficiência em Libras, dados do Inventário de Libras, constituído na Universidade Federal de Santa Catarina. Alguns codas são até profissionais tradutores e intérpretes de Libras e português, apresentando competência linguística, cultural e técnica para atuarem profissionalmente usando as duas línguas. Eles transitam nas línguas como falantes e sinalizantes nativos, além de possuírem conhecimento profundo em termos linguísticos e sociolinguísticos que permitem a realização das tarefas de tradução ou interpretação de forma exemplar (Quadros, 2017, p. 11).

Dessa forma, é possível explorar diferentes aspectos dos codas, destacando os desafios e as experiências únicas enfrentadas por filhos ouvintes de pais surdos. Um desses aspectos é o bilinguismo, os filhos ouvintes de pais surdos frequentemente crescem em um ambiente bilíngue, expostos tanto à língua de sinais quanto à língua falada. Isso pode ter um impacto significativo em sua identidade, uma vez que eles se encontram em meio a duas culturas e formas de comunicação diferentes.

Por serem bilíngues, a interpretação faz parte do dia a dia de muitos codas, no início da vida deles. No entanto, segundo Silva (2019), é preciso atentar para a diferença entre a interpretação espontânea/informal e a profissional:

O Coda, quando criança, e muitas vezes quando adulto, não tem prática em interpretar e desconhece os processos interpretativos. Por desconhecer técnicas tradutórias, o Coda tem como base sua experiência familiar e cultural com as línguas envolvidas, mediando a relação entre a Libras e a Língua Portuguesa (Silva, 2019, p. 40).

Assim, além de fluência, a interpretação requer formação. Mas, não se pode negar que essa fluência bilíngue, adquirida pelos codas, é um recurso valioso para se tornar um intérprete, pois tal experiência lhes permite compreender e expressar conceitos em ambas as línguas de maneira mais autêntica e culturalmente sensível. Além disso, eles possuem um entendimento próprio das dinâmicas e particularidade da comunidade surda, o que proporciona uma perspectiva única no processo de interpretação-interpretação.

Quadros (2004) também explica que a identidade coda pode ser influenciada por fatores individuais e contextuais, tais como, o grau de envolvimento com a comunidade surda, a aceitação e valorização de sua experiência bicultural e as atitudes da sociedade em relação à surdez.

Entretanto, é preciso saber que o conceito de identidade está passando por transformações significativas. Anteriormente, a identidade era percebida como fixa, atualmente ocorreram mudanças, conforme afirmado por Hall (2006),

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (Hall, 2006, p. 12).

Diante disso, entendemos que a identidade é formada pelas experiências que cada sujeito tem no decorrer de sua vida, sofrendo mudanças constantes. Os codas partilham a experiência de serem bilíngues bimodais e biculturais, mas cada uma experiência é única e individual é também o modo como eles a vivem.

### 2.3 BREVE HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO

Nesta seção, iremos discorrer sobre a profissão de intérprete, pois, como foi discutido anteriormente, há uma diferença entre interpretar informalmente, para sanar uma necessidade familiar e interpretar como profissional, o que requer estudo e dedicação. Nesse sentido, faz-se necessário compreender o surgimento dessa profissão para mediar a relação do surdo com a sociedade ouvinte.

A história da constituição deste profissional se deu a partir de atividades voluntárias que foram sendo valorizadas enquanto atividade laboral na medida em que os surdos foram conquistando o seu exercício de cidadania. A participação de surdos nas discussões sociais representou e representa a chave para a profissionalização dos tradutores e intérpretes de língua de sinais (Quadros, 2004, p. 13).

Diante disso, fica evidente que antigamente a profissão não existia, apenas havia pessoas dispostas a ajudar os surdos sem receber qualquer pagamento, mas,

com o passar do tempo e com a luta da comunidade surda, a profissão surgiu. A história da interpretação e tradução remota a milênios, pois a necessidade de comunicação entre diferentes línguas sempre existiu.

A profissão de intérprete teve início no Egito antes de Cristo. Há registros também desta atividade, na Idade Média, na Grécia e em Roma. Porém é a partir da Segunda Guerra Mundial a presença do intérprete foi muito mais evidente.

Para maior esclarecimento, trouxemos alguns fatos históricos sobre o surgimento desse ofício, aqui no Brasil. A esse respeito, Quadros (2004) explica que o início desse trabalho foi em meados dos anos 80 em contexto religioso, quando em 1988, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) organizou o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais que possibilitou o primeiro intercâmbio entre alguns intérpretes do Brasil. No ano de 1992, o II Encontro de Intérpretes ajudou a fomentar o intercâmbio de experiências profissionais no território brasileiro, gerando assim encontros estaduais. A partir daí, nessa mesma década, surgiram unidades de intérpretes anexas aos escritórios regionais da Feneis, e nos anos 2000, com a criação da lei que reconheceu a libras como língua de comunicação e expressão dos surdos, a profissão de intérprete tomou lugar.

No dia 24 de abril de 2002, foi homologada a lei federal que reconhece a língua brasileira de sinais como língua oficial das comunidades surdas brasileiras. Tal lei representa um passo fundamental no processo de reconhecimento e formação do profissional intérprete da língua de sinais no Brasil, bem como, a abertura de várias oportunidades no mercado de trabalho que são respaldadas pela questão legal (Quadros, 2004, p. 14-15).

Sem dúvidas, o ponto inicial para o surgimento dessa profissão foi o reconhecimento oficial da Língua Brasileira de Sinais, que traz acessibilidade e direito aos sujeitos surdos de usarem sua língua materna como meio de comunicação. Com isso, os indivíduos surdos são amparados pela lei, de modo a exigir profissionais intérpretes em locais como hospitais, escolas e outros órgãos públicos, para que a comunicação com os ouvintes ocorra sem prejuízo e suas necessidades sejam atendidas.

Há também outras leis que conjuntamente apoiam o exercício dessa profissão, assim, como lembrado por Quadros (2004):

[...] Além desta lei, vale destacar as seguintes leis que respaldam a atuação do intérprete de Língua de Sinais direta ou indiretamente: Lei 10.098/00 (Lei de

acessibilidade). Lei 10.172/01 (lei do plano nacional de educação). Resolução MEC/CNE: 02/2001 (diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica). Portaria 3284/2003 que substituiu a portaria 1679/99 (acessibilidade à educação superior) (Quadros, 2004, p. 17).

Portanto, os surdos e os intérpretes são amparados por todas essas leis citadas de forma direta e indireta, para que haja uma melhor convivência em meios as diferenças na comunicação, visto que a maioria das pessoas ouvintes não sabem a Língua Brasileira de Sinais.

Convém ressaltar que, embora o nome da profissão seja Tradutor-Intérprete de Libras-Português (TILSP), nesse estudo reflete-se apenas sobre uma das atividades desse profissional da Libras. Logo, é importante ressaltar que, segundo Pagura (2003), há diferença nos termos tradutor e intérprete, o tradutor trabalha com registros escritos e filmados, já o intérprete opera com a tradução simultânea em sua versão falada e sinalizada. Nesta pesquisa, a ênfase é, portanto, na atividade dos Intérpretes de Língua de Sinais (ILS) que trabalham fazendo a versão voz do surdo ou a versão sinalizada da fala do ouvinte.

### **2.3.1 O papel do intérprete**

O papel do intérprete de Libras nos dias atuais é de extrema importância na promoção da inclusão e na garantia dos direitos das pessoas surdas. O intérprete de Libras atua como um mediador linguístico, facilitando a comunicação entre pessoas surdas que utilizam a Libras como sua língua natural e pessoas ouvintes que se comunicam oralmente em português.

Esse profissional desempenha um papel fundamental em diversas esferas da sociedade, como educação, saúde, justiça, eventos culturais e no ambiente de trabalho. Na Educação, por exemplo, o intérprete de Libras assegura que estudantes surdos tenham acesso igualitário ao ensino, acompanhando-os em salas de aula inclusivas, interpretando as aulas, apresentações e interações com os professores e colegas.

Na área da Saúde, o intérprete de Libras possibilita que pessoas surdas compreendam informações médicas, consultas, procedimentos e tenham uma comunicação efetiva com os profissionais de Saúde, garantindo que recebam o mesmo nível de atendimento e cuidado que os pacientes ouvintes.

O intérprete de Libras é essencial para garantir a igualdade de acesso aos serviços legais e judiciais para pessoas surdas, pois permite que participem de audiências, entendam seus direitos e sejam compreendidas durante todo o processo legal. Além disso, também desempenha um papel relevante em eventos culturais, conferências, palestras e em diversas situações sociais, proporcionando o acesso à informação e a participação plena de pessoas surdas na vida em sociedade.

O profissional intérprete de Libras deve possuir conhecimentos linguísticos, culturais e éticos, além de habilidades de comunicação para a interpretação simultânea, consecutiva ou em outras modalidades de acordo com a situação. Pagura (2003) aponta em seu texto que a interpretação simultânea não consiste na interpretação simultânea no sentido literal, pois demanda um pouco de tempo para organizar as ideias e assim expressar em outra língua, por outro lado a consecutiva baseia-se no intérprete ouvir o que foi falado, aguardar a finalização do trecho para, em seguida, expressar os enunciados em outra língua. Além dos dois tipos de interpretação, há a intermitente. Por isso, é importante que os intérpretes de Libras estejam em constante atualização, participando de treinamentos e cursos para aprimorar suas competências.

Outros requisitos indispensáveis para realizar a interpretação da língua falada para a língua sinalizada e vice-versa consiste na observação dos seguintes preceitos éticos:

[...] **confiabilidade** (sigilo profissional); **imparcialidade** (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias); **discrição** (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação); **distância profissional** (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados); **fidelidade** (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito). (Quadros, 2004, p. 28, Grifo nosso).

Ou seja, como em qualquer outra profissão existente, a atividade de intérprete de língua brasileira de sinais também possui exigências quanto à observação dos princípios éticos inerentes ao ofício.

Em resumo, enfatizamos que o intérprete de Libras desempenha um papel essencial na promoção da inclusão e na garantia dos direitos das pessoas surdas, facilitando a comunicação e possibilitando plena participação do cidadão surdo na sociedade.

## 2.4 CODAS INTÉRPRETES NO BRASIL

A profissão de tradutores e intérpretes de Libras no Brasil foi reconhecida com a sanção da lei N° 12.319, de 1° de setembro de 2010. Sendo mais uma conquista para a comunidade surda. Com isso, a profissão passou a ser valorizada e exigir uma certificação para que o profissional pudesse atuar de forma legal e recebesse salário para trabalhar.

Essa foi uma grande oportunidade para aqueles que já possuíam proficiência na língua de sinais e necessitavam adquirir um emprego nessa área. Assim, alguns codas tornaram-se oficialmente tradutores-intérpretes de Libras. Mas não é tão fácil a tradução e interpretação, assim como imaginamos. Partindo da visão de Silva (2019),

Traduzir e interpretar vão além de simplesmente conhecer a língua e transpô-la para outra. Não basta saber duas línguas, é necessário vivenciar, experienciar as culturas e isso vai além da questão linguística. Traduzir e interpretar englobam experiências sociais e culturais, pois para realizar uma tradução ou interpretação é necessária a incursão na cultura do outro, tendo segurança do que está sendo dito/registrado, adequando-o ao emissor e ao receptor (Silva, 2019, p. 40).

Podemos ver que há muitos requisitos indispensáveis para tornar-se um bom profissional e ter uma boa capacidade de traduzir e interpretar de forma concisa e coesa. A contribuição de Silva (2019, p. 41) a essa discussão é “Assim, traduzir e interpretar a língua de sinais – LS- envolve normas, valores sociais e culturais da língua. Caso contrário, o público-alvo, nesse caso os surdos brasileiros, ainda se sentirão estrangeiro em seu próprio país”. Entendemos que é necessário ter um perfil profissional com ética para que o sujeito surdo não seja prejudicado por uma má atuação e interpretação rasa que não consiga alcançar o entendimento do surdo a respeito do assunto que está sendo tratado. Mais adiante temos outra fala de Silva (2019),

Se traduzir e interpretar requerem conhecimento profícuo de cultura, podemos dizer que o intérprete Coda possui uma bagagem cultural extensa que, em muitos casos, contribui para uma tradução e interpretação mais próximas do público surdo, ou seja, uma interpretação mais intimista (Silva, 2019, p. 41).

Concordamos com a fala do autor acima, mas sabemos que ter somente entendimento e inserção na cultura surda não é o bastante para uma tradução e interpretação eficaz, é necessário ter o perfil de profissional que vai além da cultura surda. Dessa forma, também se fazem necessárias a postura profissional, a ética e as estratégias para traduzir e interpretar simultaneamente.

Apesar dos filhos de surdos terem essa bagagem cultural extensa Rodrigues (2013) realizou uma pesquisa com cinco codas e cinco não codas para analisar sua interpretação e concluiu que todos precisam ter competências para atuação como tradutores-intérpretes.

Durante a análise dos dados, vimos que o fato de os ILS participantes da pesquisa serem experientes e, portanto, possuírem uma apurada *competência interpretativa intermodal* fez com que o fato de ser ou não CODA tivesse menos ou nenhuma relevância na distinção entre os dois grupos. Nesse sentido, é possível afirmar que tanto CODAs quanto não CODAs precisam adquirir e desenvolver *competência tradutória e/ ou competência interpretativa* no par linguístico Português-Libras, eliminando quaisquer diferenças iniciais relacionadas ao fato de serem ou não nativos nas línguas envolvidas na interpretação e, portanto, lidando habilmente com os efeitos de modalidade sobre o processo de interpretação (Rodrigues, 2013, p. 226).

Portanto é evidente que o fato de serem codas ou não, nos diz que não há diferença entre esses profissionais, o importante é que possuam as competências necessárias para alcançar o objetivo de interpretar de forma clara para que o sujeito surdo entenda. Nos reportamos ao estudo de Oliveira (2014), que é uma coda intérprete e traz seu relato a respeito:

Ser tradutora e intérprete de língua de sinais não me colocam em um patamar linguístico diferente de outro profissional que não é Coda. O olhar que tenho é sob outra perspectiva. Experiência cultural. Da convivência e experiência adquiridas na relação com meus pais surdos e com a comunidade surda. Ao traduzir e interpretar duas línguas tão distintas os recursos linguísticos utilizados estão por vezes embutidos de experiências culturais adquiridas na relação com meus pais (Oliveira, 2014, p. 282).

Conforme a fala desta autora que é uma coda intérprete, podemos perceber que não há mesmo uma diferença entre ser coda e não coda em relação a essa profissão, mas apenas o fato de ser coda, de possuir experiências culturais adquiridas com os pais surdos. Para tanto, podemos retomar Santos Filho (2020) em sua pesquisa sobre experiências vividas por filhas ouvintes de pais surdos, trazendo a fala de uma das codas a respeito de ser uma profissional intérprete de Libras,

A partir da entrada no mercado de trabalho, Júlia ressignifica sua experiência e se reinventa. Ela reconhece, a partir de agora, a responsabilidade profissional, a partir da compreensão da atuação formal e informal e percebe que é necessário ter formação profissional, apenas conhecimento da língua de sinais não seria o suficiente. Era preciso conhecer sobre o campo de atuação do tradutor-intérprete de Libras, e é nesse momento de formação que acontece a dissociação do “eu, filha de surdo” e do “eu, profissional tradutora-intérprete de Libras” (Santos Filho, 2020, p. 138).

Ademais, podemos perceber que a entrevistada tem consciência ao enxergar a necessidade de fazer uma separação entre ser a filha de surdos e ser uma profissional, pois as exigências de interpretar para os pais são diferentes de interpretar de forma profissional e para surdos desconhecidos.

A escolha pela profissão dos filhos, muitas das vezes é influenciada pelos pais, não somente dos surdos, mas também os ouvintes e isso faz com que, por vezes, a opção profissional não seja a que realmente era de interesse pessoal. Retratamos a respeito da escolha dos codas em sua carreira profissional e reproduzimos a fala de Oliveira (2014):

A opção pela área da tradução e interpretação não foi algo imposto por meus pais. Escolhi esta profissão. Meus pais tinham o cuidado de nos preservar de situações interpretativas na infância e adolescência. Em casa, assistir televisão era algo muito controlado. Víamos até certo horário e não interpretávamos filmes ou novelas. Víamos desenhos animados. Meu pai tinha a preocupação do que ou em que a televisão poderia nos influenciar. Por isso, assistíamos pouco (Oliveira, 2014, p. 282).

De acordo com a fala acima, fica explícito que os pais não influenciaram na escolha desta autora, mas isso não quer dizer que outros pais surdos não tenham influenciado seus filhos ouvintes a seguir a carreira de intérpretes como forma de que o filho continue atuando na comunidade surda. Além disso, nem sempre a influência é direta ou impositiva. Ela, às vezes, se manifesta de modo espontâneo e subjetivo, dado ao valor afetivo que tem uma língua de herança.

A seguir discutiremos a caracterização da pesquisa, a metodologia adotada para seu desenvolvimento e como foi realizada a seleção dos documentos.

### 3 METODOLOGIA

Nesta seção trataremos da metodologia adotada na pesquisa, sua caracterização, discorrendo sobre a finalidade por meio dos estudos de Silveira e Córdova (2009), em seguida descreveremos o objetivo de acordo com a visão de Gil (2002), logo depois procederemos com a abordagem conforme Gerhardt e Souza (2009) e, por último, descreveremos os procedimentos de análise, classificando-os segundo Gil (2002).

A metodologia da pesquisa descreve o conjunto de métodos e procedimentos utilizados para coletar e analisar os dados, fornecendo uma estrutura sólida para o desenvolvimento da pesquisa. Ela permite estabelecer os critérios de seleção das fontes, além de garantir a qualidade da pesquisa e a relevância dos resultados obtidos. (Gil, 2002).

À vista disso, os métodos justificam as decisões tomadas ao longo da pesquisa, como a escolha da abordagem (qualitativa, quantitativa ou mista), da amostragem e dos instrumentos de coleta de dados. Essa justificativa é fundamental para demonstrar a coerência das escolhas feitas em relação aos objetivos da pesquisa e à natureza do problema em questão. Através da metodologia, é possível assegurar que a pesquisa seja conduzida de forma ética. Dessa forma, seguimos descrevendo como esta pesquisa se caracteriza, bem como os procedimentos utilizados. (Gil, 2002).

#### 3.1 CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA

A presente pesquisa busca verificar se existem fatores que contribuem para que os filhos ouvintes de pais surdos escolham ser intérpretes da libras, ao mesmo tempo que visa contribuir para ampliação do conhecimento em relação aos codas do Brasil, mostrando os desafios que os filhos ouvintes de pais surdos enfrentam no decorrer de sua vida.

Trata-se de uma pesquisa que, quanto à finalidade, se caracteriza como aplicada, pois, de acordo com Silveira e Córdova (2009) tem como intuito produzir conhecimentos com aplicabilidade prática, voltados para resolver questões particulares. Inclui verdades e preocupações específicas de determinado contexto.

Já no que se refere aos objetivos, é descritiva, uma vez que se propõe a registrar e descrever os aspectos observados sem que haja qualquer intervenção, como assinala Prodanov e Freitas (2013). Além disso, os autores explicam que a pesquisa descritiva “visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (p. 52). Dessa forma, buscamos descrever as características dos sujeitos codas que são um grupo específicos de ouvintes com pais surdos e identificar os fatores semelhantes que contribuem para que alguns codas adultos brasileiros sigam a carreira de intérprete da língua brasileira de sinais.

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa mista, qualitativa, uma vez que, conforme Gerhardt e Souza (2009, p. 32), “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Assim, a pesquisa se concentra na compreensão profunda e detalhada dos fenômenos estudados, buscando explorar as percepções, opiniões, sentimentos e significados atribuídos pelas pessoas envolvidas. E quantitativa segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 69), “considera que tudo que pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las”. Dessa forma, quantificamos o número de relatos analisados.

No que se refere aos procedimentos, é um estudo classificado por Gil (2002, p. 45) como documental, ela “[...] vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. Além disso, Marconi e Lakatos (2003) mostram outra característica afirmando que possui particularidade, pois ela usa apenas documentos, escritos ou não, como fonte de dados principais. Esses documentos podem ser obtidos quando o evento acontece ou posteriormente.

### 3.2 CONTEXTO DA PESQUISA

Para Gerhart e Silveira (2009, p. 12) “metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência”. Nesse sentido, visamos verificar se existem fatores que contribuem para que os filhos ouvintes de pais surdos sigam a carreira de intérprete da Libras.

Inicialmente, cogitávamos fazer um estudo de caso com os codas de Rio Branco, construindo nossa própria metodologia por meio de entrevistas, registro dos dados em vídeo, transcrições, dentre outras. No entanto, ao entrarmos em contato com os codas de nosso município, percebemos alguns entraves que dificultariam a realização da nossa proposta de pesquisa. Consequentemente mudamos nosso procedimento de pesquisa para documental, a fim de darmos continuidade ao projeto.

Decidimos, assim, utilizar como base pesquisas já realizadas com codas brasileiros, podendo ser Trabalhos de Conclusão de Curso, dissertações de Mestrado ou teses de Doutorado. Primeiramente, usamos o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para buscar trabalhos realizados com codas brasileiros e encontramos 9 resultados ao escrever “codas” na barra de pesquisa. Em seguida, buscamos por duas palavras-chave, “codas” e “pais surdos” e encontramos 8 resultados.

Destes, selecionamos apenas 4 trabalhos que atendiam ao nosso objetivo no momento: reportar relatos de codas que estivessem em formação ou possuíssem ensino superior. A partir de tal critério, obtivemos os seguintes trabalhos, a saber:

Quadro 2 – Pesquisas selecionadas

AUTOR	ANO	TÍTULO DA OBRA	GÊNERO	INSTITUIÇÃO
Pereira	2013	Nascidos no silêncio: as relações entre filhos ouvintes e pais surdos na educação	Mestrado	Universidade metodista de São Paulo
Sander	2020	Narrativas de filhos ouvintes de pais surdos codas sobre o crescer bilíngue	Doutorado	Universidade estadual paulista
Santos Filho	2020	Experiências vividas por filhas ouvintes e pais surdos: uma família, duas línguas	Doutorado	Universidade federal do Rio Grande do Norte
Monteiro	2020	Tenho pais surdos, e agora? Trajetórias de ouvintes filhos de surdos	Doutorado	Universidade de Brasília

Fonte: Dados da pesquisa

Vale dizer que, além de buscar por esses relatos em trabalhos científicos, também estendemos nossa pesquisa ao livro *Língua de Herança*, de Ronice Müller de Quadros (2017) e à plataforma de vídeos YouTube, onde encontramos um vídeo,

no canal do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (Nai Univasf), intitulado “Coda (Filhos ouvintes de pais surdos) e seu desafio cultural de 2020”.

Cada obra nos permitiu acessar dois, quatro ou até 10 relatos de codas, como é possível observar no quadro abaixo.

Quadro 3 – Relatos por autores

MONTEIRO (2020)		PEREIRA (2013)		QUADROS (2017)		SANDER (2020)		SANTOS FILHO (2020)		YouTube	
codas	idade	codas	idade	codas	idade	codas	idade	codas	idade	codas	idade
Álvaro	22	Colin	18	Adriana	42	Guaracy	29	Geovana	09	Francisco	-
Ana	31	Hermione	30	Andréa	38	Kayke	36	Julia	25	Valdir	-
Antônio	21	Osmar	32	Fabício	17	Kauê	30				
Denise	47	Simas	28	Léa	66	Nina	51				
Jana	21			Maira	31						
Mari	27			Maitê	35						
Thiago	21			Renate	53						
				Riva	62						
				Ronice	48						
				Sonia	50						

Fonte: Dados da pesquisa

Nesse Quadro, constam a quantidade de relatos por autores, apontando, os nomes dos participantes, dispostos em ordem alfabética, e suas respectivas idades, embora no caso do aplicativo de vídeos, haja apenas os nomes dos sujeitos entrevistados. Convém observar, ainda, que 3 dos indivíduos têm de 9, 17 e 18 anos; 16 deles está na faixa etária de 21 a 38 anos, e 8, está entre os 42 e 66 anos, sendo que nos dois relatos do YouTube não foram mencionadas as idades. Todos os relatos somam, portanto, 29, nesse primeiro momento.

Por não possuírem ou não estarem cursando o ensino superior, retiraram-se da pesquisa os relatos de Colin (Pereira, 2013), Fabício (Quadros, 2017), e Geovana (Santos Filho, 2020). Também Francisco (Plataforma YouTube) foi retirado da pesquisa, pois faltavam, além da idade, outras informações necessárias no momento da análise dos dados. Ao final, foram analisados 25 relatos.

Vale dizer que para verificar se existem fatores que contribuam para os codas se tornarem intérpretes, foram elaboradas algumas questões no tocante à idade, quantidade de irmãos, experiência surda e/ou ouvinte, ser ou não intérprete dos pais, dificuldade com a libras ou o português e também quanto à escolha da profissão.

Desse modo, analisamos cada relato a partir desses questionamentos, como veremos a seguir, na descrição e análise dos dados.

## 4 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, discorreremos sobre a análise dos relatos dos codas, objeto de nossa pesquisa. Antes, porém, descreveremos cada trabalho de onde foram retiradas as histórias desses indivíduos, a fim de evidenciar seu propósito. Em seguida, focaremos apenas nos relatos, tentando, a partir de algumas questões, identificar aspectos comuns que nos permitam verificar se existem fatores que contribuem para que os codas se tornem intérpretes.

### 4.1 DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS UTILIZADOS NA PESQUISA

O trabalho de Pereira (2013) é uma dissertação de Mestrado, que tem como objetivo discutir a vivência dos codas em suas relações familiares, de pais e filhos mais precisamente, além de mostrar a diferença entre as famílias ouvintes e de surdos, pois uma das motivações do autor é desmitificar preconceitos que, inclusive negam aos surdos o direito de serem pais de seus filhos ouvintes. É nessa perspectiva que o autor fala da sua trajetória formativa e profissional, enquanto coda. Sua intenção é mostrar que ser filho de surdos é tão normal quanto ser filho de ouvintes. Por isso, ele não apenas entrevista os 4 filhos codas como seus respectivos pais surdos, histórias do cotidiano, referente à relação com os parentes ouvintes, o acompanhamento dos filhos na escola, dentre outras situações.

Já o trabalho de Monteiro (2020) é uma tese de Doutorado, que tem como objetivo investigar a partir das vivências dos ouvintes filhos de surdos, as produções de sentidos e significados que emergem de suas trajetórias bilíngues-bimodais e biculturais, além de compreender os desafios familiares como educação, atenção entre outros que surgem da particularidade linguística dos pais surdos pelo discurso dos filhos codas. Desse modo, a autora entrevista 7 sujeitos, a fim de alcançar esse objetivo, trazendo narrativas sobre o que é ser coda na infância, na adolescência e na fase adulta; além de descrever a experiência deles, sua motivação, bem como a relação dos pais com a surdez.

O livro Língua de Herança de Quadros (2017), traz à discussão as relações entre a língua de sinais e língua falada, apresenta um amplo panorama, com estudos, definições e exemplos de histórias pessoais e interações das comunidades surda e ouvinte. A proposta da autora foi fazer uma conversa sobre as histórias de vida desses

filhos ouvintes de pais surdos, contando sobre a relação deles com os pais surdos, com a comunidade ouvinte, com a comunidade surda e com suas línguas: a língua que herdaram de seus pais, a língua de sinais, e a língua portuguesa. A autora teve o objetivo de captar momentos que ilustram as formas dessas pessoas de se relacionarem com as culturas, com zonas de conforto, com zonas de conflitos, as fronteiras entre o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes e as boas recordações. Ao total foram entrevistadas 10 pessoas.

O trabalho de Sander (2020) é uma tese de Doutorado, tem como objetivo discutir o que os filhos ouvintes de pais surdos, narram sobre o seu desenvolvimento linguístico, familiar, educacional e social. Além de analisar as marcas que revelam a constituição da identidade/subjetividade dos codas, que se reconhecem como sujeitos bilíngues e biculturais. O autor buscou por 4 codas com pais surdos que tinham a língua de sinais e a cultura surda como constituição federal e eram modelos linguísticos para os filhos ouvintes. Pais que foram muito importantes nos movimentos surdos e os lares serviram de local para a fundação da associação de surdos de sua cidade. Dessa forma, entrevistou quatro codas.

E por último, Santos Filho (2020) é uma tese de Doutorado, que tem como objetivo investigar a experiência vivida por uma família com coda, constituída por pais surdos e duas filhas ouvintes, nos processos de interação no cotidiano em contexto familiar e social. Os critérios para a escolha dos participantes foram a composição familiar e por serem falantes da libras como língua natural, utilizada no seio familiar e conhecimento da língua portuguesa por parte das filhas. O autor entrevista tanto os pais surdos quanto as filhas ouvintes, destacando que com os pais, a entrevista aconteceu em libras e com as filhas a entrevista ocorreu em português.

Como cada trabalho tem seu objetivo e particularidades, elaboramos algumas questões que evidenciassem os pontos em comum que havia na vivência dos codas. Essas indagações eram em relação a ter ou não irmãos ouvintes, às experiências surda e/ou ouvinte vivenciadas, ao serviço de intérprete prestado aos pais em algum momento, às eventuais dificuldades com a libras ou com o português e, por último, quanto à escolha da profissão.

Todas as respostas foram retiradas dos relatos, tal qual estava no texto. Depois, a partir delas, construímos um quadro em que pudéssemos comparar as informações obtidas, (cf. Quadro abaixo).

Quadro 4 – Descrição dos participantes

Obras	Nome	Irmãos	Experiência	Criança intérprete	Dificuldade com alguma língua	Profissão
MONTEIRO (2020)	Álvaro	Ouvinte	Surda	Sim	-	Professor de libras e ILS
	Ana	Ouvinte	Ambas	Não	-	Chef de cozinha
	Antônio	Ouvinte	Surda	Sim	-	ILS
	Denise	Ouvinte	Surda	Sim	-	Professora bilíngue e ILS
	Jana	Ouvinte	Surda	Sim	-	ILS
	Mari	Ouvinte	Ambas	Não	-	Secretária e massoterapeuta
	Thiago	Ouvinte	Surda	Sim	-	ILS
PEREIRA (2013)	Hermione	-	Surda	Sim	Português	Pedagoga e ILS
	Osmar	-	Surda	Sim	-	Professor e ILS
	Simas	Ouvinte	Ambas	Sim	-	Empresário na área de libras
QUADROS (2017)	Adriana	Ouvinte	Surda	Sim	Português	ILS
	Andréa	Ouvinte	Surda	Sim	-	ILS
	Léa	Ouvinte	Ambas	Sim	Português	-----
	Maíra	Ouvinte	Surda	Sim	-	Professora de surdos
	Maitê	Ouvinte	Surda	Sim	-	ILS
	Renate	Ouvinte	Surda	Sim	-	-----
	Riva	Ouvinte	Ambas	Sim	Português	Área da saúde
	Ronice	Ouvinte	Surda	Sim	Português	Professora de surdos
	Sonia	Ouvinte	Surda	Sim	-	Professora de surdos e ILS
SANDER (2020)	Guaraci	Ouvinte	Surda	Sim	-	Geógrafo
	Kayke	Ouvinte	Surda	Sim	Português	ILS
	Kauê	Ouvinte	Surda	Sim	-	ILS
	Nina	Ouvinte	Surda	Sim	-	Professora do EJA
SANTOS FILHO (2020)	Julia	Ouvinte	Surda	Sim	Português	ILS
YOUTUBE (2020)	Valdir	-	Surda	Sim	Português	ILS e pastor

Fonte: Dados da pesquisa

#### 4.1.1 Experiência dos irmãos codas

Conforme observamos, três participantes não têm irmãos: Hermione e Osmar, como observado na pesquisa de Pereira (2013) e Valdir, como mostra o vídeo no canal do YouTube. Sander (2020), apesar de informar que os participantes têm irmãos ouvintes, não traz informações acerca da relação dos irmãos dos participantes com a língua de sinais e língua portuguesa.

Monteiro (2020) traz o relato de 7 codas, proveniente de cinco famílias. Na primeira delas, fala-se em 3 irmãos. Há Jana, que é a filha mais velha e atualmente

está casada. Na segunda, Álvaro é o primogênito, tem dois irmãos e mora com os pais. Na terceira Denise, também casada e com filhos. Na quarta, apresentam-se os gêmeos Thiago e Antônio. E na quinta, aparecem as irmãs Ana e Mari.

Conforme relatado pelos entrevistados, os irmãos mais velhos são o que mais fazem as interpretações, sendo esta, uma cobrança por parte dos pais em cima do filho primogênito, tanto de Jana como de Álvaro. Os pais não aceitam que os mais novos façam este papel por não terem confiança, mesmo que os outros filhos também saibam libras.

Denise não é a primogênita de sua família, mas nos diz que a irmã mais velha foi quem assumiu o papel de intérprete, até o momento em que saiu de casa para fazer magistério, conseqüentemente o segundo irmão e ela, a terceira irmã, assumiram as interpretações para os pais, tanto é que ela relata que os três são os profissionais intérpretes nos dias atuais.

Thiago e Antônio são gêmeos, nunca houve imposição para serem intérpretes, em sua família, mesmo estando inseridos na comunidade surda desde criança, mas, ainda assim, faziam interpretações.

Ana é a filha mais velha, e a irmã Mari é a caçula, as duas sabem libras. Ana comenta que ajudava os pais, mas não por obrigação, pois os pais se viravam sozinhos.

Já no trabalho de Quadros (2017), há algumas informações explícitas sobre os irmãos. Começamos com a autora, Ronice, que conta sua história de vida. Ela tem uma irmã mais velha (Renate) que era quem fazia tudo, interpretava, assinava documentos, fazia compras, entre outros, apesar da irmã falar o português, as duas usavam apenas libras em casa.

Em seguida, temos o relato de Sônia que é a mais velha e tem dois irmãos. De acordo com ela, o do meio sabe língua de sinais, porém o mais novo sabe apenas um pouco, a interação entre eles é em português. No relato de Maitê, ela diz que é a irmã mais velha de Maíra. Ambas usavam a libras e o português, porém, foi dito que em um dado momento pararam de usar a língua de sinais por quase 10 anos.

Na fala das irmãs Léa e Riva, ficamos sabendo que a mais velha é Léa. Conforme relatado, a comunicação com os pais se dava por meio da fala, pois eles eram surdos oralizados. Elas dizem ter aprendido a língua de sinais com os amigos dos pais que frequentavam a casa.

Por último, há as irmãs Adriana, que é a mais velha, e Andréa, a mais nova. Ambas sinalizavam fluentemente. Elas tinham uma irmã mais nova que faleceu, a caçula Alexandra, a qual usava a língua de sinais e o português oral ao mesmo tempo. Essas foram as informações que os entrevistados narraram sobre sua relação com os irmãos.

Ainda sobre a comunicação dos irmãos, a pesquisa de Santos Filho (2020) traz o relato de Júlia a filha mais velha que usa a libras e desde cedo assume o papel de ouvidos dos pais, enquanto a irmã mais nova usa a fala para se comunicar com a mãe e a libras para se comunicar com o pai.

A questão sobre o coda ter ou não irmãos nos permitiu verificar que, apesar de todos desenvolverem a libras no seio familiar, salvo os que têm pais surdos oralizados, ocorre uma variação na fluência da língua de sinais utilizada por esses irmãos. Fica evidente que, na maioria das famílias, o primogênito é o que mais utiliza a língua dentro e fora de casa, em diferentes contextos, enquanto os demais usam um pouco menos a língua de sinais, sendo o português mais presente.

#### **4.1.2 Experiência familiar surda/ouvinte**

Constatamos que, a maioria (20) dos participantes, tiveram experiência com seus pais surdos, ou seja, foram criados pelos genitores, sem intervenção dos familiares ouvintes. Em grande parte, de acordo com a experiência, os codas estão imersos na cultura, na medida em que a Libras é o veículo de comunicação no seio familiar. Eles usam o artefato linguístico, em alguns casos, mesmo entre eles, o que demonstra respeito pelos pais e cultura.

No entanto, a experiência de 28% dos entrevistados – mais precisamente, as de Álvaro, Hermione, Jana, Júlia, Kayke, Kauê e Osmar –, de forma geral, não foram tão boas. Podemos dizer, conforme os relatos, que estes se sentiram prejudicados pelo fato de serem intérprete dos pais, por não terem apoio dos familiares ouvintes. Enfim, para esses, a experiência foi difícil, pois, ainda criança, tinham que saber resolver diversas situações de adultos, para os pais surdos. Eles também passaram por constrangimento quando interpretavam e sofriam preconceito pelo fato de terem pais surdos. Eles relatam também que tiveram uma infância sem tempo livre para diversão. Além disso, eles sofriam com a dor e o sofrimento dos pais, os quais

dependiam de sua interpretação. Com isso, passaram, inclusive, por uma crise de rejeição ao uso da língua de sinais.

Para evidenciar isso, temos um trecho da fala de Jana,

[...]Só que assim, eu sinto que essa cobrança veio mais pra mim, por eu ser a mais velha, e fez com que eu ficasse mais sobrecarregada, entendeu? Então assim, tudo que meu pai e minha mãe iam fazer, eu tinha que estar presente (Monteiro, 2020, p. 152).

Diante das experiências um pouco negativas desses participantes, retomamos a concepção de Sander (2020) a respeito dos efeitos causados nos filhos de pais surdos, sendo estes: o amadurecimento precoce, a infância furtada em função de precisarem interpretar continuamente para os pais, a pouca idade para participar de assuntos que iam além do seu entendimento.

Já os participantes Adriana, Andréa, Antônio, Denise, Guaracy, Maíra, Maitê, Nina, Renate, Ronice, Sônia, Thiago e Valdir (48%) tiveram boas relações familiares. A experiência deles foi saudável e acolhedora, porque, segundo eles, os familiares surdos e ouvintes tinham uma visão positiva da surdez, não olhavam os surdos como coitados e incapazes, o que tornava a convivência tranquila em relação aos familiares surdos e a libras.

Os outros cinco participantes tiveram ambas as experiências, surda e ouvinte, ao serem criados pelos pais surdos e familiares ouvintes no mesmo ambiente. Começamos pelas irmãs Ana e Mari, que tiveram experiência ouvinte ao passarem certo período com a tia ouvinte. Isso ocorreu porque os pais moravam em uma fazenda no interior da cidade e, quando elas atingiram a idade de ir para a escola, a tia, com o consentimento dos pais, tomou a iniciativa de levá-las para morar na cidade de Goiânia, capital de Goiás.

Assim, foram cinco anos vivendo com a tia. Apesar disso, vale ressaltar que, mesmo longe dos pais, elas tinham contato com a língua de herança também utilizada por seus parentes surdos que viviam na cidade. Elas contam, ainda, que mesmo sentindo falta dos pais, a experiência com a tia foi muito boa. Ao falarmos da experiência delas em particular, no reportamos às falas de Streiechen, Cruz e Crause-Lemke (2019). Esses pesquisadores explicam que o maior desafio dos pais surdos e também dos filhos codas é a situação em que os familiares tentam impedi-los de criar

os próprios filhos. Essa não foi propriamente a experiência de Ana e Mari, mas é algo constantemente relatado.

[...] Ouvi um carro chegar e logo percebi que se tratava do irmão do meu pai, junto com a esposa e seus dois filhos [...] minha mãe me chamou com um semblante triste [...] eu queria perguntar pra ela, porque ela estava triste, mas hesitei. [...] eu não estava entendendo o que estava acontecendo. Fui colocado no carro e meus tios e conduzido até a casa deles (Pereira, 2013, p. 87).

Na casa de Simas algo similar acontecia: ele foi educado pelos avós maternos, apesar de saber da autoridade de seus pais e obedecê-los. E com as irmãs Léa e Riva ocorreu o mesmo: cresceram com os pais surdos e seus avós que moravam na mesma casa. Assim como os avós sempre oralizavam com seus pais, elas, por sua vez, seguiram o mesmo modelo de comunicação. Nesse caso, as meninas aprenderam a sinalizar com os surdos que frequentavam sua casa, vendo seus pais conversarem na língua de sinais.

Como já mencionado, a maioria tem uma experiência cultural surda consistente, embora que, nem sempre, esta tenha sido uma experiência positiva. No entanto, não parece que o impacto maior tenha sido servir de intérprete para os pais, como discutiremos mais adiante. Para os codas, parece haver mais pesar no fato de os pais, em algumas situações, não poderem exercer seu direito de serem pais. A esse respeito, Pereira (2013, p. 87), na seção de sua dissertação intitulada “O surdo e o direito de serem pais”, enfatiza: “[...] temos histórias de vida diferentes, mas analisando as declarações dos três, havia sempre uma preocupação por parte da família ouvinte se realmente os casais surdos seriam capazes de criar e educar os filhos ouvintes com autonomia” (p. 88).

Com isso, percebemos que os familiares ouvintes, por considerarem a surdez um obstáculo, uma deficiência, mantinham-se sempre próximos da família surda para ajudá-los na criação dos filhos. Na verdade, como sublinha Pereira, todos os pais surdos e ouvintes passam pelas mesmas dificuldades na criação dos filhos. Por exemplo, é comum os pais se perguntarem se vão ver/ouvir seus filhos chorarem durante a noite. No entanto, é preciso saber que cada família, do seu jeito, com os seus recursos, vai se adaptando as novas rotinas, às novas situações que surgem. Além disso, também a criança, quando coda, desde cedo, compreende que seus pais são surdos e, por isso, tende a criar estratégias para se adaptar a eles. (Pereira, 2013).

### 4.1.3 Experiência de ser criança intérprete

Todos os relatos mostram que as crianças foram intérprete dos pais, exceto Ana e Mari, como dito, os pais eram da zona rural e elas foram morar com uma tia na cidade, quando tinham 5 e 6 anos, idade em que a maioria dos pequenos começam as interpretações para os pais.

Assim, sobre a experiência de interpretar para os pais, os codas contam que essa situação ocorreu de diversas formas e em vários lugares. Eles interpretavam principalmente em casa: sinalizavam as notícias do jornal que passava na televisão, as novelas e os filmes; também nas igrejas, consultas médicas e até na escola em dia de reunião de pais e mestres.

Dessa forma, alguns falaram sobre o desconforto de ter que interpretar a fala dos professores sobre o próprio comportamento em sala de aula para os pais. Também iam ao banco com os pais para sacar dinheiro, fazer depósitos e para interpretar a conversa dos pais com o gerente, quando precisavam retirar o cartão de crédito. Além disso, alguns pais precisavam de intérprete quando iam à padaria, quando havia recados, loja de carros, em palestra do pai na escola, nas reuniões mensais de trabalho, na associação de surdos, em ligações de telefone celular e orelhão. Também necessitavam de tradução de documentos, pois só se sentiam seguros com a permissão do filho. Havia casos ainda de a criança ter que prestar favor de tradução e interpretação aos amigos dos pais, quando estes precisavam escrever cartas.

Interpretava no Pastoral da Igreja Católica. [...] Delegacias, julgamentos, reuniões de condomínio, reuniões com políticos, conselhos para pessoas com deficiência, cujas decisões iriam decidir diretamente a vida do surdo. E era interpretação sozinho por horas e horas. Interpretei um casamento quando tinha 12 anos. Vários casamentos (Sander, 2020, p. 144-145).

Não há dúvidas de que situações como essas eram exaustivas para as crianças, pois o trabalho de interpretação roubava o tempo da criança, que deveriam estar fazendo coisas de criança, brincando, estudando e fazendo atividades para a sua idade.

Conforme o exposto, os codas, ao descobrirem a falta de acessibilidade, acabam indo com os pais a diversos locais em que uma criança, normalmente não precisaria ir e acessando informações que não seriam “convenientes”. (Pereira, 2013).

#### **4.1.4 Dificuldade com a língua portuguesa**

Em relação à dificuldade com a libras ou com o português, 17 dos codas disseram não ter nenhuma, enquanto 8 informaram das dificuldades que tiveram com a língua portuguesa, tanto na forma escrita como na falada. De acordo com os codas Adriana, Hermione e Kayke, sua dificuldade com a língua secundária era porque usavam a estrutura da libras quando falavam ou escreviam, pois o modelo seguido era o dos pais quando oralizavam. Por isso, Hermione teve que fazer terapia fonoaudiológica para aprimorar a fala. Quanto a Júlia, por trocar palavras e escrever frases sem concordância, não queria aprender português. Já os participantes Léa, Riva, Ronice e Valdir não entraram em detalhes sobre as dificuldades que tiveram com o português, apenas informaram que as tiveram.

As dificuldades que os codas tiveram com o português oral e escrito, demonstram que o seio familiar é uma microcomunidade tipicamente surda. O modelo seguido pelas crianças é aquele apresentado pelos pais, durante o seu desenvolvimento. Isso acontece porque, embora sejam ouvintes e vivam em uma sociedade que se estrutura em torno de artefatos orais-auditivos, o coda tem como primeira experiência a visuoespacial, sendo que, muitas vezes, o aprendizado oficial do país só vai ser iniciado ou aprimorado na escola.

#### **4.1.5 Profissão dos pesquisados**

Quanto à profissão de um total de 25 participantes, 18 (72%) seguiram como profissional da Libras (Tilsp e professor bilíngue), e apenas cinco codas escolheram outras carreiras, a saber: chef de cozinha; secretária e massoterapeuta; área da saúde; geografo e professora do EJA. Convém informar que nos relatos de Léa e Renate, não são mencionadas as profissões que escolheram.

Inicialmente, nos questionamos se a escolha profissional de alguns codas teria como motivação a relação destes com seus pais surdos. A esse respeito, vimos que mesmo uma profissão fora da área de Libras pode ter sido determinada diretamente pelo fato de os pais serem surdos. Esse é o caso de Riva que decidiu pela área de Saúde, depois de acompanhar a mãe em uma consulta, em que a médica, além de não olhar para elas, ainda gritava para que sua mãe entendesse.

O caso de Guaracy é mais específico, porque ele afirma que foi influenciado pela profissão do pai, que era professor de Artes. De qualquer forma, é possível inferir que a experiência visual passada pelo pai através da língua e cultura surda pode ter, de certo modo, influenciado esse coda a tornar-se geógrafo, uma vez que suas escolhas estão pautadas no fato de gostar de cores, das artes, do universo visual.

Já em relação àqueles que escolheram, especificamente, a profissão de intérprete, nota-se que ser coda, ter experiência informal com o serviço de interpretação, ter um trabalho rentável influenciam bastante na escolha profissional. Além disso, alguns claramente mencionaram a experiência cultural vivenciada com os pais, o trabalho voluntário em igrejas, o orgulho de ser reconhecido pela habilidade de interpretar e, também, o orgulho de ver o protagonismo do pai/parente surdo, o que gera identificação com seus pares.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida do coda é como um caminho de mão dupla: de um lado o indivíduo transita em um universo visual gestual, que é o da língua de sinais e do outro lado transita no universo oral auditivo, que é o da língua oral. De forma mais específica, ao citarmos os codas brasileiros desta pesquisa, nos referimos a libras como a língua de sinais e ao português como língua oral desses indivíduos.

Os codas usam a língua de sinais e a língua oral, estão imersos na cultura surda e na cultura ouvinte. Duas línguas, duas culturas e duas modalidades divergentes. Assim, ser bilíngue é algo que está quase que destinado a acontecer na vida deles, pois, ao passo que os pais usam a língua de sinais com eles, os familiares, amigos e vizinhos ouvintes vão usar a língua oral para comunicação. Conseqüentemente serão bimodais pelo fato da língua de sinais ser de modalidade visual-espacial e a língua oral ser de modalidade oral-auditiva. Por isso, pode-se dizer que eles estão imersos nas duas culturas: a surda, transmitida pelos pais, e a cultura ouvinte, experimentada em situações sociais diversas. Tudo isso é entendido como bilinguismo, bimodalidade e biculturalismo, respectivamente.

Assim, de acordo com nossa pesquisa, vimos que todos os codas sabem libras, embora a fluência de cada um seja diferente, fruto de como foram criados na infância. Todos em algum momento quando criança ou já adolescentes, interpretaram para os pais ou para amigos dos pais.

A língua portuguesa é uma língua secundária, mas poucos tiveram dificuldades de falar ou escrever. Os que sentiram essa dificuldade ocorreu justamente porque na família foi a língua de sinais a mais utilizada, por isso algumas crianças só tiveram acesso ao português na escola.

A vivência entre duas culturas trouxe muitos desafios. O peso da surdez e da língua dominante é sentido desde cedo, quando os parentes ouvintes querem tirar do surdo seu direito de criar os filhos; a falta de acessibilidade para os pais em uma sociedade ouvinte, faz o coda assumir uma postura adulta quando precisa interpretar em situações diversos assuntos que, muitas vezes não fazem parte do universo infantil.

Eles têm essa experiência em comum, mas vivem experiências únicas. Assim, o fato de expor, neste trabalho, alguns aspectos vividos pela maioria dos participantes, não significa que os codas viveram ou vivem as mesmas situações e da mesma forma.

O presente estudo teve como principal objetivo investigar se existem fatores que contribuem para que codas adultos brasileiros com ou em formação de nível superior tornem-se intérpretes. Por isso, questionamos se a escolha profissional de alguns codas teria como motivação a relação destes com seus pais surdos. A esse respeito, vimos que mesmo uma profissão fora da área de libras pode ter sido determinada diretamente pelo fato de os pais serem surdos.

Constatamos também que ser coda e criado por pais surdos, certamente, tem implicações quanto à fala e à escrita. Alguns codas narram que o português foi aprendido tardiamente na escola, isso se dá porque alguns pais não são bilíngues e não tiveram tanta preocupação com a língua falada. Essas implicações são, sem dúvida, desafios que precisam ser superados já que agora esses codas adultos percebem as consequências de terem sido intérpretes dos pais quando criança. Isso roubou parte da infância deles, além de ter sobrecarregado alguns com interpretações além de seus conhecimentos de criança.

Sofrer influência dos pais é algo que acontece nas famílias surdas e ouvintes, mas no caso da família com surdos, ocorre mais em relação à visão da surdez e na carreira profissional que os filhos de surdos escolhem seguir.

Diante dos resultados obtidos sobre o motivo da escolha da profissão desses sujeitos, podemos concluir que eles escolheram, especificamente, a profissão de intérprete. Com isso, nota-se que ser coda é ter experiência informal com o serviço de interpretação, ter um trabalho rentável influenciam bastante na escolha profissional. Além disso, alguns claramente mencionaram a experiência cultural vivenciada com os pais, o trabalho voluntário em igrejas, o orgulho de ser reconhecido pela habilidade de interpretar e, também, o orgulho de ver o protagonismo do pai/parente surdo, o que gera identificação de seus pares.

Com isso, não se pode dizer que ser coda nem sempre implica tornar-se intérprete, mas certamente a experiência visual-espacial vivida e aprendida com os pais contribui de forma significativa para essa escolha.

Assim, espera-se ter contribuído de alguma forma com os Estudos Surdos, a Comunidade Surda, a Comunidade Coda e a sociedade em geral.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Pablo Regis. **Identidades de filhos ouvintes quando os pais são surdos**: uma abordagem sociológica sobre o processo de socialização. 2011. 129f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2011.
- BRASIL. **Lei n. 12. 319, de 1 de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS. Diário Oficial da União, Brasília, Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm); Acesso em: 5 jul 2023.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, 2009.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Corrêa de. Aspectos teóricos e conceituais. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MONTEIRO, Rosa Maria Godinho. **Tenho pais surdos, e agora?** Trajetórias de ouvintes filhos de surdos. 2020. 273f. Tese (Doutorado). Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, na área de Desenvolvimento Humano e Educação. Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- OLIVEIRA, Sônia Marta de. CODA: um mundo, duas culturas? dois mundos, duas culturas? In: QUADROS, Ronice Müller; WEININGER, Markus J. (Orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. Florianópolis: Insular, 2014.
- PAGURA, Reynaldo. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. São Paulo: **D.E.L.T.A**, 19:ESPECIAL, 2003.
- PEREIRA, Osmar Roberto. **Nascidos no silêncio**: as relações entre filhos ouvintes e pais surdos na educação. 2013. 141f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em educação. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Müller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília, 2004.

QUADROS, Ronice Müller; MASSUTTI, Mara. CODAs brasileiros: Libras e Português em zonas de contato. In: QUADROS, Ronice Müller; PERLIN, Gladis. (Orgs.). **Estudos Surdos II**. Santa Catarina: Arara Azul, 2007.

QUADROS, Ronice Müller. **Língua de Herança: Língua brasileira de sinais**. Porto Alegre: penso, 2017.

QUADROS, Ronice Müller; Lillo-Martin, Diane. Língua de herança e privação da língua de sinais. **Revista espaço**, Rio de Janeiro, n. 55, jan-jun, 2021.

REIS, Getro. **Coda (Filhos ouvintes de pais surdos) e seu desafio Cultural (NAI Núcleo de Acessibilidade e Inclusão UNIVASF)**. 2020. (1h:24m:20s). Disponível em: <https://www.youtube.com/live/3CBJdolAz-o?feature=share>. Acesso em: 5 de jul. 2023.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. 2013. 255f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SANTOS FILHO, Pedro Luiz dos. **Experiências vividas por filhas ouvintes e pais surdos: uma família, duas línguas**. 2020. 193f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SANDER, Ricardo Ernani. **Narrativas de filhos ouvintes de pais surdos-codas, sobre o crescer bilíngue**. 2020. 273f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2020.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul, 2009.

SILVA, Maitê Maus de. O coda, filhos ouvintes de pais surdos, e a tradução e interpretação de libras: o que encontramos? **Belas infieis**, v. 8, n. 1, p. 37-53, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/22611> Acesso em: 12 jun. 2023.

SOUZA, José Carlos Ferreira. **Intérpretes codas: construção de identidades**. 2014. 148f. Tese (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

STREIECHEN, Eliziane Manosso; CRUZ, Gilmar de Carvalho; KRAUSE-LEMKE, Cibele. Filhos ouvintes de pais surdos: linguagem, identidade(s) e escolaridade. **Revista X**, Curitiba, v. 14, n. 4, p. 256-276, 2019. Disponível em: [https://core.ac.uk/display/328070932?utm\\_source=pdf&utm\\_medium=banner&utm\\_campaign=pdf-decoration-v1](https://core.ac.uk/display/328070932?utm_source=pdf&utm_medium=banner&utm_campaign=pdf-decoration-v1) Acesso em: 12 jun. 2023.